

Manifestações da Sexualidade nas Diferentes Fases da Vida **6**

Nelson Vitiello¹
Isméri Seixas Cheque Conceição²

A sexualidade, entendida a partir de um enfoque amplo e abrangente, manifesta-se em todas as fases da vida de um ser humano e, ao contrário da conceituação vulgar, tem na genitalidade apenas um dos seus aspectos, talvez nem mesmo o mais importante. Dentro de um contexto mais amplo, pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte.

No entanto, durante a maior parte da história da humanidade, essa influência foi negada, em especial entre os povos ligados às tradições judaicas e cristãs, na assim denominada “civilização ocidental”.

O curioso desse evento é que na tradição bíblica mais antiga que conhecemos, a tradição, **javista** (aproximadamente 950 a.C.), não existe nenhum desprezo pela natureza sexual do homem. De fato, a leitura do *Gênesis* permite a interpretação de que a sexualidade está ali exposta apenas como mais um aspecto da vida, nem inferiorizado nem enaltecido em relação a qualquer outro. Assim, uma exegese mais isenta apresenta, como motivação divina para a criação da mulher, apenas a atenuação da angústia da solidão vital do homem. No entanto, a interpretação patristica da Bíblia, que durante séculos tanto influenciou nossa cultura, considera o sexo como um mal necessário, admissível apenas por ser indispensável à reprodução da espécie. Inaugurou-se, a partir dessa interpretação, a confusão entre sexualidade e genitalidade que perdura até nossos dias.

1. Ginecologista. SBRASH.

2. Ginecologista. SBRASH.

Recebido em 15.03.93

Aprovado em 28.03.93

Dentro da necessariamente superficial análise que ora vamos empreender, tentaremos manter centrada a abordagem mais ampla da sexualidade. Na medida do possível, evitaremos resvalar para o enfoque mais restrito da mera genitalidade.

MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA INFÂNCIA

Até o século XVII a infância não era sequer reconhecida como um período bem individualizado da vida humana. Sob esse enfoque, a criança era vista apenas como um pequeno adulto, não recebendo uma educação específica e tendo que, muito precocemente, conviver com o trabalho e com as preocupações próprias dos adultos. Esses eventos, ligados à sociogênese da infância, aparecem com muita clareza quando estudamos o vestuário típico dessas épocas, bem como na análise do treinamento que as crianças - de qualquer classe social - recebiam.

A partir desse século, com o empobrecimento da nobreza e com a ascensão da burguesia, ocorreram movimentos de valorização da cultura, passando a ser exaltada a pureza infantil, dentro de todo um contexto social de revalorização de alguns movimentos religiosos. Compreendia-se, então, a prática do sexo como uma atividade pecaminosa e não merecedora de aceitação divina e social. As crianças, por não terem os genitais externos ainda desenvolvidos e por não praticarem atividades sexuais, estavam em estado de pureza, isentas assim de qualquer “culpa”. Ainda sob esse ponto de vista, acreditava-se ser essa “inocência” proveniente da ignorância sobre sexo, sendo então defendida a postura da conservação dessa inocência para a manutenção da ignorância. A partir desses conceitos, foi valorizado um tipo de “educação” que ao mesmo tempo mantinha as crianças (e os adolescentes) desinformados e impunha-lhes um padrão repressor de comportamento, visando-se mantê-las afastadas da curiosidade e dos conhecimentos sobre a sexualidade. Os resquícios sociais de tais padrões educacionais são bem evidenciados na angústia que a maioria dos adultos atuais sofre frente às manifestações da sexualidade infantil, por exemplo, a masturbação.

Nosso século tem assistido a importantes mudanças no que se refere aos padrões de enfoque da sexualidade e dos comportamentos sexuais. Embora exista ainda muita repressão, de maneira geral, a sexualidade vem gradativamente passando a ser melhor compreendida, deixando de ser quase sempre exercida sem permissão social e usualmente condenada à clandestinidade.

Grande parte dessa mudança de enfoque é devido à divulgação das idéias de Freud que foi o primeiro a afirmar a existência da sexualidade na infância, correlacionando-a com as fases de desenvolvimento da criança. Suas declarações foram muito contestadas pela sociedade, que relacionava, ainda, a ausência de sexualidade à pureza e à inocência. Nessa concepção, era virtuoso todo aquele que se negasse a satisfação de seus próprios desejos quando a razão não os autorizava. O exercício da sexualidade, trazendo os prazeres advindos do próprio corpo, se enquadrava dentro das atividades que a razão não devia autorizar. Freud ousou declarar que todos praticávamos o sexo e que ele estava inserido na natureza humana desde o nascimento, tratando a questão não como um “pecado”, mas como causa de sentimento de culpa e, portanto, de danos emocionais.

As declarações de Freud foram ainda mais valorizadas a partir dos anos 60, com o advento da chamada “Revolução de Costumes”. Nesta época, os questionamentos sobre o valor da repressão sexual e o reconhecimento do sexo como matéria de estudo conduziram à noção de a vida sexuada ser um direito e não um pecado, levando a sociedade à busca do entendimento de sua própria sexualidade. Durante essa busca, foi encontrada uma infância que, embora sexualizada, estava exposta à acentuada repressão.

Freud entendia que a sexualidade na infância desenvolvia-se através das seguintes fases:

- **fase oral:** até o desmame;
- **fase ano-uretral:** iniciada com o **controle dos esfíncteres;**
- fase genital;
- **fase de latência:** dos 6 aos 10 anos.

Na atualidade, admitimos que a sexualidade se manifesta desde o início da vida e que se desenvolve, acompanhando o desenvolvimento geral do indivíduo.

A primeira fonte de prazer corporal está na região oral e a amamentação, sem dúvida, deve ser uma fonte de expressivo prazer para o recém-nascido. Com o desenvolvimento e maturação do sistema nervoso central, e com a gradual aquisição da coordenação motora, a criança se lança à descoberta do seu corpo e dos prazeres que este lhe proporciona.

É importante frisar que estas atividades, por não serem reconhecidas como manifestações precoces da sexualidade, não são reprimidas pelos adultos, pois a sociedade desconhece o exercício da sexualidade não genitalizada.

O momento do desenvolvimento da sexualidade que compreende o conhecimento dos órgãos sexuais, coincidindo com a retirada das fraldas, sofre importante interferência da educação repressora. A família se encar-

rega de comunicar à criança todo o pecado que há nesta parte do corpo e que o prazer desta região não é aceito pelos adultos. O reforço é dado pela vergonha que o adulto demonstra em relação aos seus próprios órgãos genitais.

O desenvolvimento da sexualidade tem como fase seguinte o descobrimento do controle dos esfíncteres. Nessa fase, é novamente exercida a repressão através da demonstração de nojo e desagrado às fezes e à urina. As regras sociais vigentes para as funções fisiológicas de evacuar e urinar são rigorosas, sendo intolerável qualquer transgressão. Aliás, importa lembrar que a comunicação de desamor por parte da mãe é o mais eficiente dos recursos de repressão aos sentimentos de prazer e liberdade em relação ao controle dos esfíncteres. Esta repressão foi, em tempos passados, realizada através da comunicação oral. Hoje, com as constatações científicas de que este comportamento repressivo não é benéfico para a criança, a comunicação oral vem sendo substituída pela comunicação corporal.

Terminado o processo de controle dos esfíncteres, a criança tem concluída a fase de conhecimento do seu corpo e da descoberta dos prazeres por ele proporcionados. Esta etapa do desenvolvimento da sexualidade vai até os 3 ou 4 anos.

Nesta idade, a criança já é capaz de caminhar e de falar. Com a conquista destas capacidades, seu objetivo passa, agora, a ser o de conhecer o ambiente; no campo da sexualidade, fixa-se em conhecer o corpo do outro e os prazeres que este outro corpo pode lhe oferecer.

Neste estágio do desenvolvimento psicosssexual, a criança inicia o relacionamento interpessoal com outras crianças. A fase de descoberta do corpo do outro inclui a curiosidade pelo corpo da mãe e do pai. Tem início a socialização sexual da criança e esta etapa ocorre até o início da puberdade.

No período da exibição e das perguntas sobre o sexo, as atenções da família estão voltadas para o aprendizado do autocontrole. Assim, a criança aprende que os assuntos relacionados aos prazeres do exercício da sexualidade não podem ser tratados com os adultos.

Em termos de educação sexual, importa lembrar dois pontos importantes que, se não considerados, podem levar adultos e crianças a frustrações. Em primeiro lugar, recordemos que a capacidade de abstração apenas vai surgir após os 7 anos, sendo de difícil compreensão imagens como a da já clássica “sementinha”. Em segundo lugar, a capacidade de concentração das crianças menores é bastante limitada, sendo inúteis prédicas com mais de 5 minutos de duração. O importante, aqui como em qualquer outro ponto do processo educativo, é deixar clara a existência de um canal aberto para comunicação, canal este que poderá ser acionado sempre que a criança assim o desejar. Embora, sem dúvida, a família seja a estrutura social ideal para a prática da educação em geral, e da educação sexual em espe-

cial, parece-nos que ainda estamos muito distantes da situação em que esse processo educativo aconteça em boas condições, pela falta de preparo da maioria das famílias.

Na idade escolar, a criança desenvolve os jogos sexuais infantis, que correspondem a brincadeiras com exploração do corpo e das sensações proporcionadas ao indivíduo e ao outro. Os jogos sexuais envolvem o corpo como um todo, mas a preocupação das instituições responsáveis pela educação da criança (família e escola) está centrada nas manifestações genitais da sexualidade; por isso, apenas as atividades diretamente relacionadas aos órgãos genitais são alvo de repressão. A criança tem, assim, reforçada a idéia de que estes órgãos não merecem mesmo valorização nem respeito. Além disso, nessa idade, as normas que delimitam os papéis sexuais deixam de ser apresentadas explicitamente às crianças, embora seu cumprimento passe a ser exigido como forma de comportamento educado.

A repressão aos jogos sexuais é de tamanha monta que implica forte sensação de culpa, apesar da criança ainda não ter capacidade de compreender bem o seu real significado. Algumas crianças, principalmente do sexo feminino, por serem mais retraídas e medrosas, não ousam experimentar os jogos sexuais, apresentando, por isso, uma falha no desenvolvimento de sua sexualidade. A criança do sexo feminino habitualmente vivencia o desenvolvimento de sua sexualidade com maiores conflitos, pois a repressão é maior sobre elas. Além disso, a educação para um papel sexual “adequado” exige uma postura de aceitação e de obediência, o que inviabiliza as práticas clandestinas de jogos sexuais. Mesmo que prazerosas, as experiências de exploração do prazer desencadeiam culpa e sensação de imoralidade tão conflituosas que a criança faz um bloqueio destas lembranças para amenizar seu sofrimento.

Os jogos sexuais são de grande importância no processo de desenvolvimento da criança, como facilitadores da exploração do ambiente e da união entre as crianças. São, ainda, de grande valia por favorecerem o desenvolvimento cognitivo, permitirem a prática dos papéis sexuais e possibilitarem o manejo dos conflitos e das ansiedades.

A omissão e a negação da existência de sexualidade na infância permitem que este aspecto do comportamento humano desenvolva-se sem condições de vigilância de suas condições, podendo ocorrer desvios e intercorrências que permanecem na vida adulta.

A partir dos 5 anos de idade, a criança passa a vivenciar a experiência sexual erótica, ou seja, a experiência sexual da qual a pessoa participa com consciência e envolvimento. Antes desta idade, as experiências sexuais são quase sempre meramente reflexas, isto é, a sensação prazerosa ocorre por acaso, não havendo uma consciente busca do prazer.

MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma fase de transição, durante a qual se perde a criança e se pode adquirir um adulto. É neste período que a maturidade biológica e sexual é atingida, se define a identidade sexual e, potencialmente, é onde se define o espaço social de homem ou mulher.

No período da puberdade, que corresponde ao componente orgânico da adolescência, o indivíduo volta suas atenções para as mudanças do corpo e concentra suas energias nos processos psíquicos de perda do corpo infantil e de aceitação das novas formas. A ansiedade gerada pela puberdade é decorrente, além de outros aspectos, do medo de, fisicamente, não conseguir atingir o padrão socialmente aceito e então ser desprezível.

Na busca do corpo socialmente aceitável e funcionante (“normal”), os jovens vivenciam grande ansiedade. Os rapazes desenvolvem precocemente o chamado “temor de desempenho”, pois a capacidade de ter relações sexuais constitui-se um requisito indispensável para os representantes do sexo masculino. As moças, por sua vez, apresentam grande ansiedade sobre sua atratividade sexual, o que frequentemente as leva aos jogos de sedução.

Quando o rapaz adolescente percebe que seu corpo se modifica e ganha as características do corpo adulto, passa a preocupar-se com as suas formas, em especial o desenvolvimento muscular e o tamanho do pênis, que é o atributo mais valorizado desde seu nascimento. Vencida esta fase, vem a necessidade de saber se há função para a relação sexual e então, ansiosamente, busca a ejaculação através da masturbação. Esta masturbação nem sempre tem a finalidade única da busca do prazer, mas também a da simples verificação da capacidade de ejacular.

A primeira ejaculação acontece em média aos 14 anos, com uma polução noturna. A seguir, o adolescente passa a se preocupar com a verificação da normalidade da sua ejaculação. Como não recebeu qualquer informação sobre as características da ejaculação “normal”, ele se põe a pesquisar; surgem então, como uma nova atividade entre os adolescentes, as brincadeiras onde as ejaculações são comparadas. Neste mesmo período, os meninos estão treinando a relação sexual com a mulher. A mulher que participa desta busca do homem, pela capacidade de ter relação sexual, não tem para ele qualquer significado além de objeto que proporciona a realização do sexo.

Para as moças, embora possam-se observar os mesmos mecanismos gerais, as coisas se passam de maneira diferente, tendo em vista os diferentes papéis sexuais por elas vividos. De início, apresentam as mesmas preocupações que os rapazes, quanto à “normalidade” de suas formas. Logo, entretanto, passam a se preocupar mais com os sutis aspectos dos jogos de

sedução, tendo-se em vista que as mulheres, embora possam ser tão ou mais dominadoras do que os homens, necessitam disfarçar-se de “caça”, mesmo sendo “caçadoras”.

Podemos, de maneira geral, tecer algumas considerações válidas para ambos os sexos. Devemos lembrar que, para os jovens, é de extrema importância pertencer a um grupo, onde todos, em tese, têm as mesmas aspirações, gostam das mesmas coisas e comportam-se de maneira similar. Por isso, a evolução psicosssexual dos membros do grupo acontece seguindo os mesmos passos. É ainda relevante lembrar que, durante a adolescência, é mecanismo comum a desavença com os genitores, até como uma forma de auto-afirmação, sendo o grupo de extrema valia no apoio emocional entre os adolescentes.

Até a algum tempo, a iniciação sexual dos rapazes era feita, tradicionalmente, com prostitutas. Essa situação gerava um acentuado temor de desempenho e, sem dúvida, foi fator causal de várias disfunções sexuais, em especial a ejaculação prematura. As moças ditas “direitas”, nessa época, só iriam iniciar-se sexualmente após o casamento ou, no máximo, no período de noivado. Claro que existiam as honrosas exceções de praxe; essa, no entanto, era a norma geral. Havia, evidentemente, mecanismos compensadores para ambos os sexos, o mais importante dos quais era, na época, o chamado “sarro”, em que o par de namorados praticava uma série de carícias excitantes, sempre por iniciativa do rapaz. Cabia à moça “graduar” até onde o par poderia ir, pois sempre o rapaz estava decidido a ir até as mais extremadas carícias. Assim, a jovem deveria ao mesmo tempo desfrutar o prazer das carícias e manter a “cabeça fria”, tanto para evitar que o rapaz chegasse às vias de fato quanto para preservar sua imagem de “moça direita”. Evidentemente, com o evoluir do namoro, as coisas podiam ficar bastante complicadas.

Hoje em dia, embora ainda permaneçam sob muitos aspectos as mesmas dificuldades na aquisição da identidade, desenvolveram-se outros mecanismos para facilitar a maturação psicosssexual. A iniciação sexual, por exemplo, é quase sempre feita entre adolescentes do mesmo grupo, sendo raras as incursões à prostituição. E, em tempos de maturação sexual, os jovens criaram o “ficar”, curiosa instituição que merece uma análise um pouco mais cuidadosa.

Lembremos que a capacidade de formação de vínculos afetivos surge por volta dos 12 ou 13 anos, em média, época a partir da qual habitualmente pode ocorrer o “ficar”, embora ele seja mais comum a partir dos 14 ou 15 anos. O “ficar”, para a maioria dos jovens, é um contrato informal em que fica implícita a não-existência de um compromisso maior, e que pode ir desde o simples fazer companhia, com ou sem troca de carícias, até chegar ao ato sexual, embora esta última modalidade não seja a mais comum. No “ficar”, os jovens fazem, sem compromissos e sem

maiores complicações, um aprendizado afetivo e sexual que é de extrema importância para sua maturação psicosssexual. Dizem eles, com certa graça, que “ficar” com a mesma pessoa mais de três vezes já é um “rolo”, e um “rolo” repetido já é um namoro. Diferentemente do antigo sarro, o “ficar” é um contrato bilateral, que a nada obriga, podendo os membros do casal nem mais se cumprimentarem a partir do dia seguinte. Também não existe aqui apenas a intenção do aprendizado e do prazer masculino, e as jovens que “ficam” não são menosprezadas como suas antigas similares, que permitiam o “sarro”.

O “ficar”, como mecanismo característico auxiliar da maturação, habitualmente deixa de acontecer por volta dos 17 anos, quando a maturidade emocional e afetiva já é suficientemente desenvolvida para a formação de vínculos mais sólidos.

Finalmente, para terminar estas resumidas considerações sobre tão amplo assunto, devemos desmitificar alguns dos conceitos (ou pré-conceitos) dos adultos, com relação à sexualidade dos adolescentes. Em primeiro lugar, ao menos como norma geral, importa afirmar que os jovens não são promíscuos, ao menos no sentido que os adultos dão a esse termo. As mudanças ocorridas quanto à iniciação sexual nas últimas duas ou três décadas, às quais já nos referimos, são acompanhadas de notável fidelidade, talvez até mais acentuada do que entre os próprios adultos. Mesmo que existam as naturais e inevitáveis exceções, de maneira geral, os jovens de ambos os sexos são fiéis aos seus parceiros, ocorrendo o que se convencionou chamar de “monogamia seriada”, isto é, as pessoas podem trocar de par com alguma freqüência, mas, enquanto juntos, são mutuamente fiéis. Outro mito caro aos adultos diz respeito ao local onde ocorre a iniciação sexual dos jovens. Embora, em nossa fantasia, ela seja mais freqüente em motéis ou similares, uma pesquisa realizada em nosso meio demonstrou que, na maioria das vezes, a iniciação sexual das jovens ocorre na residência dos namorados, em momentos de descuido ou por ocasião de viagens dos pais deste.

MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA IDADE ADULTA

A fase adulta é - ou ao menos deveria ser - o período do apogeu da sexualidade do indivíduo, que já se encontra suficientemente maduro e seguro para estabelecer sólidos vínculos afetivos e usufruir, adequada e prazerosamente, de sua sexualidade. Essa maturação, que chega em diferentes épocas para diferentes pessoas, é atingida mais freqüentemente durante a fase de “adulto jovem” (até os 30 anos) ou no final dela.

Infelizmente, à custa de uma distorcida educação sexual e de preconceitos sociais os mais diversos (entre os quais o machismo tem evidente relevo), nem sempre é assim. Não é incomum que as pessoas tenham uma noção distorcida da sexualidade, deixando de vê-la como algo positivo, como algo de bom e belo, como um dom. Nas últimas décadas, tem-se divulgado um conceito bastante distorcido da sexualidade o qual apresenta, como meta suprema e obrigatória, o orgasmo, considerado como o mais precioso bem a que se pode almejar. Nesta acepção, é “obrigação” do homem *dar* orgasmos à mulher, como se orgasmos fossem presentes que a onipotência masculina possa distribuir a seu bel-prazer. A mulher, por sua vez, para considerar-se “verdadeiramente mulher”, deve *ter* orgasmos (de preferência, múltiplos), sem o que considera-se fracassada.

Soma-se, a esta obrigatoriedade orgásmica, a de ter intensa e precoce vida sexual, sendo aqui o “intensa” medido pela frequência de coitos e não por sua qualidade. Em suma, para se considerarem “normais”, as pessoas devem ter intensa vida sexual, atingindo sempre, em todas as relações, o famoso orgasmo.

No entanto, se fomos educados no “conhecimento” de ser o sexo uma coisa suja e feia, como fazer sexo com alguém que se admira, preza e ama? Como levar para um casamento estável nossas fantasias e desejos sexuais mais íntimos?

Os homens, de maneira geral, apresentam evidente temor de desempenho que, associado a um aprendizado inadequado, freqüentemente leva à ejaculação prematura, quando não à impotência. As mulheres, vítimas dessa mesma “educação”, buscam desesperadamente um orgasmo... que não vem. As estatísticas, mesmo as mais otimistas, mostram que cerca da metade das mulheres desenvolve uma disfunção sexual, acompanhadas de perto por 35% dos homens adultos.

Essas dificuldades no exercício da sexualidade ficam bastante patentes dentro do casamento. No usual contrato fechado que o casamento representa, existem na realidade três contratos diferentes. Num primeiro contrato, explícito, ficam bem delimitados os papéis que cada um espera que o outro assuma no relacionamento, por exemplo, a fidelidade. Este contrato, claramente formulado, não é habitualmente motivo para decepções, visto que, quando essas atribuições não são cumpridas, existem mecanismos conscientes para contorná-las e, de alguma forma, solucionar os conflitos advindos. Além desse contrato explícito, no entanto, subjazem outros dois, um consciente e outro não.

O contrato não-verbal consciente é constituído de comportamentos e opiniões que, mesmo não explicitadas, são conhecidas de seu portador. É deste tipo o comportamento de racionalizar uma série de argumentos contra o trabalho da mulher, por exemplo, embora o motivo real, evidentemente, seja o ciúme do inseguro machão.

O último contrato, não verbalizado (até mesmo por ser inconsciente), é talvez o que mais transtornos desencadeia na esfera sexual. Fazem parte dele as expectativas, tanto de homens quanto de mulheres, não confessadas nem mesmo ao próprio portador. Estão intimamente ligadas aos motivos pessoais, que cada um tem, não apenas para fazer uma união estável, mas também para escolher seu par. São expectativas comuns, por exemplo, que mulheres se casem para livrar-se do que consideram tirania paterna, ou que homens se casem apenas para afirmar uma masculinidade de que até mesmo eles não estão seguros.

Dentro da complexidade existente em relacionamentos deste tipo, não é incomum que as pessoas, após certo tempo de convivência, se decepcionem. Essa decepção é mais freqüentemente desencadeada pelo melhor conhecimento das fraquezas do outro, que nos parecem sempre, e cada vez mais, intoleráveis. A maioria das separações conjugais é desencadeada pela rotina da vida, pela decepção com as pequeninas coisas do dia-a-dia, que vão nos levando ao reconhecimento de que a pessoa com quem casamos não é tão maravilhosa quanto julgávamos, e vai, assim, matando dentro de nós o amor, em porções homeopáticas. O exercício da sexualidade também sofre percalços pelo que se convencionou chamar de “habituação sexual”, que consiste na prática rotineira e sem o uso da imaginação e da criatividade.

Complicando esse quadro, independentemente de estarem ou não casadas, as pessoas vão apresentando diferenças de comportamento sexual, na medida em que vão adquirindo segurança e confiança em suas qualidades. Não foi à toa que Honoré de Balzac tanto louvou a mulher de 30 anos, pois é nessa idade que as mulheres, habitualmente, desenvolvem e desejam realizar todo o seu potencial sexual. Os homens, por outro lado, perdido o ímpeto da juventude, tendem a se comportar menos *fogosamente*, criando assim uma certa desafinação para a maioria dos casais. Claro que estamos aqui nos referindo à maioria, não sendo esses eventos obrigatoriamente incidentes.

MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE

Nas últimas décadas vem aumentando, em todos os países, a expectativa de duração da vida, graças a melhores condições de higiene e saúde pública, avanços no combate às enfermidades e divulgação de preceitos racionais para mais saudável alimentação e melhores hábitos. Evidentemente, esse prolongamento da média de vida humana é mais acentuado nos países de primeiro mundo, mas fez-se sentir mesmo entre os subdesen-

volvidos. Em nosso meio, por exemplo, a expectativa média de duração da vida é de mais de 65 anos para mulheres, e entre 60 e 65 para os homens. Especificamente no caso das mulheres, como a cessação das menstruações ocorre em torno dos 45 anos, pode-se concluir que perto de um terço da vida feminina transcorre após a menopausa.

Nossa sociedade tem, ultimamente, se apresentado notoriamente gerontofóbica. Os velhos, dantes considerados uma reserva social pela experiência de vida, viram-se menosprezados nos tempos modernos, privados que foram de seu papel social. Se tradicionalmente nossa sociedade sempre considerou a sexualidade como um apanágio da juventude, com o advento da desconsideração do papel social dos velhos, esses conceitos se acentuaram. Impõe-se assim aos velhos a obrigatoriedade de apresentar uma disfunção orgásmica, de excitabilidade e, principalmente, de desejo.

Em termos de exercício da sexualidade, como em muitos outros aspectos, as pessoas da chamada “terceira idade” são marginalizadas, chegando até a ser o seu relacionamento sexual objeto de um humor de um duvidoso gosto, como se fosse algo de ridículo,

De fato, consideramos qualquer manifestação de eroticidade entre gerontos como uma “indecência”, não sendo aberta a eles sequer a possibilidade de manifestar amor. Embora reconheçamos racionalmente não haver qualquer motivo para que a sexualidade se extinga em determinada idade, cultural e emocionalmente não somos capazes de bem aceitar essas manifestações, em especial quando dizem respeito a pessoas que nos são próximas. Ninguém é capaz, por exemplo, de imaginar - sem repulsa - sua própria avó se masturbando, ou mesmo tendo sonhos eróticos, tão arraigados em nós estão tais preconceitos.

A sociedade atual supervaloriza a juventude, que é exibida em anúncios, exaltada em filmes e mostrada nos meios de comunicação como símbolo supremo do desejável. O adjetivo “jovem”, aplicado à moda, à música, ao teatro, etc., dá a estas atividades uma conotação de vibrante, como sinônimo de *alegre* e de *interessante*, como se a alegria e o interesse fossem um apanágio da juventude, como se a adolescência não fosse um período carregado de insegurança e de problemas emocionais.

A julgar pela exploração que se faz em torno do “jovem”, parece até mesmo que envelhecer é um crime premeditado. O termo “velho” atinge a conotação de uma ofensa, e já é quase um palavrão.

Apesar de ser nessa faixa etária que as pessoas atingem maior maturidade, não existindo sequer preocupações com o uso de metodologia anticoncepcional, existe uma série de fatores sociais, familiares e pessoais que perturbam o exercício da sexualidade.

Socialmente falando, considera-se a pessoa idosa como assexuada. Chega-se a dizer, jocosamente, que existem três sexos: o sexo feminino, o sexo masculino, e o *sexagenário*. Para se ter uma idéia das dimensões des-

ses preconceitos, talvez seja pertinente recordar experiência relatada há alguns anos, em um Congresso de Sexologia, realizado nos Estados Unidos. Aconteceu que os diretores de um asilo, impressionados com a quantidade de queixas claramente psicossomáticas de seus pensionistas, resolveram tentar liberar o relacionamento entre eles. Permitiram que casais se formassem e que cada um se acomodasse conforme suas conveniências. Após algumas semanas, a maioria dos idosos tinha se mudado de quarto, formando casais; alguns não conseguiram achar par, e uma minoria deles se recusou a participar. Após essas mudanças, observou-se uma nítida mudança no comportamento dos pensionistas, que passaram a mostrar mais animação, tornando-se comum ouvir risos onde antes a tristeza e o silêncio predominavam. As queixas de relacionamento e mesmo as crônicas reclamações sobre dores reumáticas desapareceram.

Tão entusiasmados ficaram os membros da diretoria do asilo que cometeram um erro fatal: relataram a experiência aos familiares dos pensionistas. Pois bem: os filhos e netos, indignados com o que rotularam de “indignidade” e “sem-vergonhice”, retiraram seus familiares daquele asilo, que faliu.

No entanto, não são só a família e a sociedade que exercem pressão sobre a sexualidade dos idosos. A própria expectativa dos indivíduos é importante, pois as pessoas se convencem que após uma certa idade não mais estarão adequadas e capacitadas para a prática da sexualidade, ocorrendo uma verdadeira “auto-castração”.

É forçoso porém reconhecer que, mesmo sem manifestar-se de maneira exuberante, o potencial para o exercício da sexualidade existe enquanto durar a vida humana, por mais longa que ela seja. Mesmo em se considerando as naturais diferenças, os idosos sadios apresentam (ou ao menos deveriam apresentar) conservado seu potencial de resposta sexual. As limitações ocorrem por desconhecimento de que a sexualidade, embora com certas diferenças, pode ser prazerosamente exercida em qualquer idade, e que embora as características da resposta sexual se alterem, permanecem presentes durante toda a vida.

Os homens, por exemplo, apresentam episódios mais espaçados de desejo, com ereções mais demoradas e menos firmes, que permitem no entanto uma cópula perfeitamente satisfatória. A região dos genitais, e a pele em torno deles, afirma-se como principal zona erógena, ocorrendo ainda uma mais rápida perda de ereção após a ejaculação.

As mulheres, após a menopausa, apresentam lubrificação vaginal menos intensa e de mais demorado aparecimento, evento este simplesmente corrigido com o uso de lubrificantes locais. Os orgasmos, embora mais curtos, têm a mesma intensidade daqueles experimentados pelas mulheres mais jovens.

Enfim, podemos concluir não haver qualquer motivo fisiológico para que se apague a sexualidade com o avançar da idade a que, respeitando-se as alterações referidas, a prática da atividade sexual pode ser tão gratificante na velhice quanto na juventude ou na idade adulta. Se não exercida, a sexualidade tende a se apagar, pois a regularidade sexual é um excelente “afrodisíaco”.

O grande problema enfrentado pelos idosos, em especial pelas mulheres que perderam seus companheiros, é o encontro de parceiro interessante e interessado, com quem a sexualidade possa ser partilhada,

CONCLUSÕES

Para terminar, gostaríamos de deixar clara a mensagem de ser a sexualidade algo de fundamental para o ser humano, acompanhando suas manifestações em todas as fases de sua vida.

Temos a esperança de que algum dia a sexualidade possa ser encarada pelo homem como um valor positivo, como um dom, e que a lembrança de incluir temas como este em eventos seja descartada por absurda.

Enquanto tal não ocorre, entretanto, parece-nos ser dever de todos nós, profissionais que de alguma maneira enfocam a sexualidade e seus distúrbios, levar a bandeira da necessidade de que se cultive uma visão mais adequada do tema e, principalmente, lutar pela implantação de uma educação sexual coerente, para que as próximas gerações não sofram das mesmas frustrações e dos problemas que atualmente enfrentamos.